



Entrevista

COM FELIPE RIBEIRO



Julho 2023 | São Paulo - SP

Fundação Podemos: O fascismo, como movimento histórico, nasceu na Itália de Mussolini. Todavia, Primo Levi, que sobreviveu aos horrores dos campos de extermínio nazistas, o descreveu como uma potencialidade humana. Para ele, todo período da humanidade teria o “seu fascismo”. Diante disso, você classificaria o fascismo como um movimento estritamente político ou também como psicossocial?

De fato, perante o extremo de desumanidade que experimentou em Auschwitz, Primo Levi foi conduzido a refletir sobre quais mecanismos depositados no fundo da alma humana tornavam aquela forma de barbárie possível. Este é o ponto de partida de “É isto um homem?”. O que dizia respeito não somente aos membros oficiais da máquina de aniquilação nazi, mas também a todas as práticas que os prisioneiros desenvolviam para sobreviver, para suportar o insuportável, para continuar seguindo dentro dos campos, enfim, para se adequar. Talvez nem político, nem psicossocial, Primo Levi estava mais concentrado em decifrar uma espécie de antropologia do nazifascismo, refletindo sobre os mecanismos da subjetividade humana que são ao mesmo tempo sujeito e objeto do horror. Seus livros, que inventaram a chamada literatura de testemunho, fornecem uma série de reflexões livres das compartimentações acadêmicas às quais recorreremos, e – talvez justamente por isso – ensinam muito.

A ideia de que cada época da humanidade tem seu fascismo nos faz pensar, por sua vez, nas clássicas “Teses sobre história” de Walter Benjamin, outro judeu vítima da roda nazista do mundo, e que foi levado ao

suicídio ao se ver encurralado na fronteira entre a França e a Espanha, perseguido pela polícia nazista. Numa dessas teses, Benjamin afirma que o estado de exceção instalado pelo fascismo é na verdade a regra da história. Estava pensando, com isso, no fato de que o ápice de reificação, brutalidade e violência que o fascismo generalizava como regra da sociedade como um todo não era nada menos, no fundo, que aquilo que a “tradição dos oprimidos” sempre viveu como normalidade. Os condenados da terra, os esfolados, oprimidos e desmoralizados sempre viveram um regime parafascista durante as épocas. Desse ângulo, é como se o fascismo histórico apenas revelasse a verdade da lógica da história como um todo, na qual o progresso, como afirma outro aforisma do nosso autor, apresenta-se como uma só catástrofe. Compare-se como Aimé Césaire, em Discurso sobre o colonialismo (1963), também sugeria que o fascismo generalizava para bons europeus as mesmas formas de dominação que a Europa, mesmo em suas épocas democráticas, exerceu nas colônias. A ideia é que houve um tipo de violência colonial introjetada, aplicada dentro de casa, e não fora. O que esses autores estão tentando ensinar é ver de que modo as sementes do fascismo já estão em germe na nossa suposta normalidade civilizatória, abalando uma linha tão nítida entre civilização e barbárie. Isso exige, por consequência, uma visão de conjunto mais ampla, de tentar fixar e interpretar as principais tendências do movimento histórico como um todo, o que exige uma leitura multifacetada, que não fique presa a uma só chave ou categoria.

Espero não estar fugindo da questão – esses diferentes autores oferecem linhas de interpretação do que foi o fascismo histórico que não apenas fogem de lugares comuns,

como também são difíceis de enquadrar dentro das nossas compartimentações acadêmicas. Eles não pensam o fascismo como movimento político ou como objeto psicossocial, embora jamais neguem que essas dimensões sejam indispensáveis para pensar o problema.

Nessa linha, tome-se o caso bastante semelhante de Horkheimer e Adorno, os quais, muito em linha com Benjamin, buscaram reconstituir, na Dialética do esclarecimento, como o fascismo era na verdade o resultado sombrio de um longo processo civilizatório que poderia ser remontado desde os hinos de Homero. Para eles, o segredo daquilo que Nobert Elias depois batizará de processo civilizatório está no desenvolvimento da capacidade humana de dominar a natureza externa, com o objetivo de tornar o homem senhor da natureza e produzir um estado de humanidade. Acresce, continuam eles, é que esse processo não é possível sem a dominação da natureza interna do próprio homem – a racionalização exige controle das pulsões, das paixões, dos desejos, das necessidades. De modo que, segundo eles, quanto mais apurado se torna esse processo, mais o próprio objetivo da civilização – o ser humano como um fim em si mesmo -- é anulado e aniquilado. Eis aí o que eles entendem por dialética do esclarecimento. Segundo eles, nada está fora disso: tudo o que conhecemos por produto da sociedade está envolvido nisso, não apenas formas sociais, econômicas e políticas, instituições de maneira geral, mas também a ciência, as formas de conhecimento e de pensamento etc. Tudo faz parte desse processo civilizador que, no fim, volta-se contra o próprio ser humano. Eles viram o nazismo como o ápice desse processo, e não como desvio. Mas também é evidente aqui que o nazismo é um objeto a ser analisado da maneira mais

heterodoxa possível. No prefácio da Dialética do esclarecimento, Horkheimer e Adorno declaram abertamente que eles tiveram que desistir de usar a contribuição das ciências individuais.

Dito isso, nenhum dos dois recusaram um estudo mais psicossocial do fascismo, o que não significa dizer, corrigiria Adorno, que o fascismo seja um fenômeno psicológico. Em 1936, Horkheimer coordena uma pesquisa que é publicada com o título Estudos sobre autoridade e família. Em continuidade, já no exílio nos EUA, Adorno organiza o trabalho coletivo A personalidade autoritária. Ambos queriam entender quais mecanismos estavam em operação no interior do indivíduo que o conduziam a tomar decisões francamente contrárias a seus próprios interesses racionais. Esse tipo de pesquisa exigia tanto abordagem empírica, entrevistas, reunião de fatos, mas também a interpretação teórica, socorrida pela sociologia, a psicanálise, a filosofia. São estudos interessantes, atuais, e escandalizam até hoje nossos lugares comuns. Mas o que mais me sobressai desses trabalhos é a atitude de olhar sem preconceitos para o problema da personalidade autoritária, estudando-a em sua lógica própria, tentando de fato compreender como ela funciona, e vendo que ela na verdade é uma reação consideravelmente normal aos mecanismos da sociedade, esses sim o verdadeiro problema. Por exemplo, pergunta-se Adorno, o que leva as pessoas a aderirem tão cegamente ao que lhes é oferecido, sem mediação da reflexão e da crítica? Ora, isso ocorre nada menos pela razão de que, em nossa sociedade, o controle sobre os processos econômicos e sociais está tão fora do alcance dos indivíduos, apresentando-se a eles como uma lei da natureza, que de fato pouco resta além da adaptação. De modo

que a personalidade autoritária é uma forma psicossocial de fato adequada à alienação entre indivíduo e sociedade. Acho que isso dá uma boa ideia de um tratamento bastante original do problema, cheio de potencial de esclarecimento.

Fundação Podemos: No sentido do primeiro questionamento, o que vemos em alguns lugares do mundo poderia ser classificado como fascismo ou uma espécie de neofascismo? Há a necessidade do prefixo “neo” indicando que estamos diante de algo novo ou de algum elemento que faça com que o conceito se torne de alguma maneira inovado?

Tenho resistência a usar fascismo ou neofascismo para falar do que está acontecendo hoje. Acho que grupos neofascistas são um objeto a ser analisado, mas eles não são o único índice da possibilidade de fascismo hoje, que aliás não precisa atender por esse nome. Adorno costumava dizer que ele estava muito mais preocupado com o perigo de fascismo que surge no interior da democracia, e não contra ela. Ele estava pensando no fato de que: a) até hoje, a democracia permaneceu puramente formal, nunca se apoderou de fato da vida dos indivíduos; b) que o processo de acumulação capitalista era incompatível com formas democráticas de organização social; c) que a crescente automatização do trabalho tornava dispensáveis enormes fatias da população, as quais rapidamente encontravam no autoritarismo uma alternativa. São tópicos de evidente interesse para nós, hoje.

Os paralelos estruturais existentes entre a atual ascensão da extrema direita no mundo

– nomeada pelo establishment intelectual internacional de uma “grande regressão”, uma ideia que é bastante contrária à dos autores que mencionei acima – são evidentes e assustadores, é difícil ignorá-los. Todavia, creio que seja importante não nos deixarmos anuviar por essa semelhança e ponderar as discontinuidades. Digamos que a diferença entre ontem e hoje está em que o “tempo histórico” é totalmente outro. O nosso “tempo do mundo”, hoje, é diferente daquele do fascismo histórico, como diria o filósofo Paulo Arantes. É que, segundo esse autor, os séculos XIX e XX, desde 1789 até ao menos até em torno da década de 1970, foram séculos de grandes expectativas históricas, no sentido da semântica histórica desenvolvida por Reinhart Koselleck: séculos em que o horizonte de expectativas da humanidade havia se desacoplado do espaço de experiências acumuladas, de forma que a história passou a ser o campo onde a humanidade esperava por coisas inéditas, nunca vividas antes. Os grandes conceitos de movimento que marcaram o receituário intelectual da modernidade seriam bons exemplos dessa configuração. No início do século XX, sobretudo entre 1914-1933, com o abalo das burguesias imperialistas devido à guerra, à hiperinflação, e a Revolução Russa cristalizando uma alternativa socialista real, os movimentos socialistas na Europa central foram catalizadores importantes dessas grandes expectativas. Com a crise geral das civilizações burguesas ocidentais, acreditava-se abrir uma janela para uma sociedade alternativa, na qual a humanidade finalmente viria encontrar a si mesma. Hoje sabemos que não foi esse o desfecho – ao mesmo tempo, para muitos, o apocalipse stalinista suscitou dúvidas a respeito da desejabilidade dessa alternativa. De modo que, embora não esteja isenta de alucinações,

projeções e conspirações descabidas, os alertas de Hitler contra uma conspiração comunista mundial não deixavam de ter um objeto real, visando um adversário político real e concreto. Diante disso, o fascismo foi um movimento ambíguo, em que soube catalizar uma energia efervescente e desviá-la do horizonte socialista, mobilizando-a a favor da manutenção da sociedade existente – Karl Polanyi vai chamar isso de um “contramovimento”, embora para ele era um contramovimento que reagia ao divórcio anti-natural entre economia e sociedade, que teria atingido o limite do insuportável. É comum atribuir a Walter Benjamin a ideia de que o fascismo é testemunho de uma revolução perdida (quem cita essa frase é Zizek, embora eu nunca tenha encontrado ela escrita por Benjamin). O tempo histórico do fascismo era completamente outro, era o tempo de movimentos socialistas efervescentes, os quais o nazismo derrotou e sequestrou sua energia. Em *After the future* (2011), o filósofo italiano Franco Berardi topou diretamente com essa mudança de tempo histórico. Ele foi reler o Manifesto futurista exatos 100 anos depois de sua publicação e constatou o abismo histórico que nos separa da era das grandes vanguardas artísticas e políticas do início do século XX, que é um contexto essencial para fazer a gênese do fascismo.

Hoje, portanto, não podemos mais achar que a extrema direita esteja de fato se opondo a um horizonte socialista real. Quando os bolsonaristas falam em perigo de socialismo, de comunismo, todo mundo sabe que é alucinação completa. Não há um traço de tendência ao socialismo no Brasil, nem no mundo, como já houve naquela Europa pré-nazista (a China é outro caso, muito complexo, mas não acho que tenha a ver com socialismo efetivamente). As próprias

jornadas de Junho de 2013, que para muitos significou a abertura da porteira por onde entrou o bolsonarismo, não tinha mais muito a ver com a esquerda histórica socialista. Sua fonte é muito mais o altermundismo dos anos 90, é outra coisa. Então, a conspiração bolsonarista contra o perigo do socialismo não tem o menor pé na realidade, de modo que a nossa extrema direita atual mobiliza todo um aparato político, propagandístico, conspiratório antirrevolucionário, mas sem haver uma revolução realmente existente. É uma mobilização contrarrevolucionária sem nenhuma revolução à vista. Aqui, as coisas ficam um pouco bizarras. Embora seja verdade que, diante do governo Bolsonaro, os mandatos anteriores do PT devam estar mais no espectro à esquerda, o fato é que esses mesmos mandatos entregavam os pontos às classes dominantes a torto e a direito – coisa que diversos setores da esquerda sabiam e criticavam incessantemente. Quando eu estava na graduação, por exemplo, lá por 2014, lembro que o nexos obscuro entre os megaeventos capitalistas internacionais (Copa, Olimpíadas), leis punitivas, antiterrorismo etc., as usinas hidrelétricas, a baixa reforma agrária, uma Comissão da Verdade com efeitos práticos bastante insuficientes, tudo isso que caracterizou os mandatos da Dilma, era o fim da picada, um governo que fazia isso não deveria ser considerado de esquerda nenhuma. Quando, em 2018, a direita ascendeu dizendo que combateria o socialismo do PT, ficamos embasbacados com essa ideia. Que socialismo? E eles conseguiram ser eleitos com essa conspiração, destruíram tudo, o pouco que existia, de modo que nós tivemos que sair em defesa daquilo que criticávamos no passado. Como entender que isso deu certo? Tem semelhanças com o fascismo? Tem.

Mas muita coisa falta: não tivemos nenhuma Grande Guerra, não havia socialismo real, a crise econômica de 2015 não chega nem aos pés do que foi a inflação na década de 1920 etc etc. A extrema direita se apresenta como um grande contramovimento, mas ao quê? É claro que são todos racistas, machistas, são contra o ensino público, carregam todos preconceitos possíveis. Mas isso não explica tudo, acho que resta um enigma aí a decifrar.

Estou dizendo isso para mostrar que acho que nossa atual extrema direita, embora tenha paralelos estruturais evidentes com o fascismo histórico, obedece a uma lógica própria, que ainda resta decifrar. Tome-se o caso do Brasil, onde observamos a combinação bastante complexa que une milicianos, ultraliberais, Igreja Evangélica, agronegócio etc. Como entender isso? Creio que é um caso que precisa ser estudado nele mesmo, sem recorrer às muletas teóricas sobre fascismo ou neofascismo. Memória histórica sempre ajuda, mas também para medir as distâncias.

Eu observaria, sobre a extrema direita brasileira, apenas uma coisa: ela é futurista e otimista, e para ela a política é uma forma de encaminhar esse futuro. Nós, a esquerda, nos últimos 20 anos, estávamos fazendo outra coisa, que não era prometer o futuro, mas sim fazer políticas públicas. Políticas públicas são reparatórias e elas querem saldar uma dívida histórica, reparar o passado, consertar as injustiças herdadas. Nosso objeto, depois que o socialismo deixou de ser o grande código que organizava nosso futuro, passou a ser o passado. Dessa perspectiva, a esquerda é inteiramente presentista (estou usando o termo de François Hartog sobre os regimes de historicidade). Os governos do PT não fizeram mais que administrar um presente catastrófico, adiando o quando possível o

desastre futuro, e fizeram isso com políticas públicas, as quais têm todos os méritos possíveis, servindo até de modelo no exterior. Bem, eles estavam então comprando tempo, como diria o economista Wolfgang Streeck. E que desastre futuro estavam adiando? Simplesmente o fato de que, desde a revolução microeletrônica, desde a chamada terceira revolução industrial (que aliás, já é história, pois chegamos na 4.0), uma sociedade do trabalho no Brasil se tornou materialmente inviável. É isto que marcou nosso “Fim de século”, como descrito pelo crítico Roberto Schwarz. O que significa que o objeto central que organizou a chamada “formação do Brasil”, a ideia de criar uma nação forte, industrializada, baseada no trabalho, foi para a lata do lixo de história. Depois disso, viramos o Ornitorrinco descrito por Chico de Oliveira. Uma sociedade que não é exatamente subdesenvolvida, mas tampouco é capaz de se desenvolver, transformando-se num monstro que combina formas sociais avançadas e antigas, quase como numa alegoria tropicalista. Bem, essa sociedade é uma sociedade constantemente à beira do abismo – e os governos do PT eram governos que buscaram adiar o máximo possível a chegada desse abismo. Mas eles não trabalhavam mais com a ideia de um futuro – nós somos a esquerda sem futuro, como queria o crítico de arte T. J. Clark. Ora, diante disso, o bolsonarismo introduziu uma coisa inédita: eles são futuristas, eles estão nadando na onda do futuro, estão desbravando rumo ao desconhecido, ao novo, o abandono do velho etc. Não sei se sou só eu, mas parece haver na nossa extrema direita um prazer coletivo de fazer parte de algo que parece ser novo, de abrir os horizontes rumo a algo diferente. Agora, o mais bizarro disso é: que futuro eles querem abrir?

Mais uma vez, tenho que falar um pouco das minhas impressões subjetivas, mas eu sinto que o bolsonarismo, nossa extrema direita, vive um enorme prazer coletivo, o transe coletivo, por acelerar a catástrofe, por destruir tudo sem por nada lugar, pela destruição de tudo como fim em si mesmo. Eles são totalmente aceleracionistas. É como se dissessem: o mundo vai acabar, e ninguém deve tentar impedir, então vamos todos festejar a aceleração desse cataclisma. É um movimento comandado por uma pulsão suicidária. É o prazer de realizar o futuro, mas o futuro é a destruição de tudo e todo mundo. Aqui a diferença com o nazismo é gigante: o nazismo prometia ser um Reich de mil anos. Isso o bolsonarismo nunca quis ser: queriam destruir tudo em um mandato ou dois e depois deixar tudo pegando fogo. A Amazônia que o diga.

Fundação Podemos: No receituário de Theodor Adorno e Umberto Eco podemos identificar um modelo fascista de personalidade. Nesse modelo encontramos o machismo, o nacionalismo e o ufanismo como elementos. Há também uma espécie de apego ao tradicionalismo e uma recusa à modernidade. Tomando as personalidades políticas apontadas hoje como potencialmente fascistas, como poderíamos entender essa relação entre o apego ao tradicionalismo e a recusa à modernidade. O que seriam ambos, concretamente hoje?

Quanto a Adorno, o que chamou atenção mais especificamente é como os tipos autoritários combinam formas de pensar e viver altamente modernas, racionalizadas,

e ideias abertamente irracionais. O enigma estava em entender essa combinação entre racional e irracional, moderno e anti-moderno. Isso já estava num estudo precedente de teoria crítica, que foi o Estudo sobre autoridade e família, publicado sob direção de Max Horkheimer em 1936. Ali a questão era: porque o proletariado, que nós esperávamos ser o agente de uma sociedade mais humana, aderiu ao fascismo? Lá Horkheimer já queria entender o que eles chamaram de “caráter autoritário”, que é o caráter propenso a aderir à autoridade (não um caráter que exerce autoridade de maneira violenta). E o ponto de partida o livro está em dizer que o caráter autoritário mescla comportamentos típicos do homem que vive em sociedades industriais avançadas, com comportamentos irracionais, projetivos, conspiratórios, paranóicos etc. Acho que há, então, um apego à modernidade e um certo anti-modernismo ao mesmo tempo. O livro de Jeffrey Herf, Modernismo reacionário, tenta pensar justamente isso. Para ele, o nazismo empregava a modernidade técnica, aproveitava o progresso tecnológico, e o combinava com uma cultura francamente reacionária.

Acho que temos muito disso hoje. Nossa extrema direita ela é ao mesmo tempo extremamente reacionária, falam de ideias e valores historicamente obsoletos, mas estão ao mesmo tempo up-to-date. Eles têm a tecnologia para desmatar a favor do agronegócio, eles querem fazer reformas econômicas irresponsáveis, em favor da “modernização”, eles sabem usar as redes sociais como meio de mobilização. Enfim, são modernos. Mas ao mesmo tempo, alguns sujeitos parecem vir de épocas pré-históricas. Então, o enigma está em decifrar essas personalidades modernas e reacionárias ao mesmo tempo.

Nesse quesito, eu ainda lembraria o seguinte no que diz respeito à onda de extrema direita que assola o mundo: nós, brasileiros, estamos em casa. Desde nosso movimento de Independência, a convivência entre os ideais ilustrados importados da Europa e a realidade nacional, muito aquém desses próprios ideais, foi um fato histórico ao alcance do cotidiano, além de ter servido como matéria de todo e qualquer intelectual, com a literatura à frente. Desde os tempos de Silvio Romero, a dualidade entre moderno e arcaico é um grande eixo da matéria brasileira. Como mostrou Roberto Schwarz, o grande mestre nessa questão foi Machado de Assis, o Machado da maturidade, autor de Memórias póstumas em diante. A maestria consistiu em dar forma literária concreta a um dado prático da realidade nacional, que vem a ser essa oscilação sem síntese positiva entre o moderno e o arcaico. Schwarz identificou isso na volubilidade do narrador machadiano, sobretudo Brás Cubas, que a todo momento ergue uma grande norma civilizada, mas somente para desmerecê-la em seguida e assim triunfar a cada turno. Esses dribles ideológicos foram interpretados por Schwarz como uma transposição para a forma literária do movimento real da sociedade brasileira. Há muitos meandros nessa história, mas eu diria que nós somos isso desde então. Mais uma vez, os representantes brasileiros da atual extrema direita têm uma história própria, que é local, tem a ver com a nossa formação mal acabada, com suas lógicas e alienações próprias.

Fundação Podemos: O fascismo é violento. Qualquer discussão acerca dele terá que colocar a violência como um instrumento que o fascismo

usa para atingir seus objetivos. Diante disso, como podemos pensar um futuro em que o fascismo possa ser neutralizado ou, ao menos, combatido? Qual o receituário diante de um século XXI que se abre com tanta violência, tanto nas redes sociais quanto no mundo “físico”?

Acho que temos duas questões aí. Uma é sobre a violência do fascismo em específico. E é difícil imaginar um cenário no qual seja possível combater de fato um regime fascista sem resistência organizada, sem contragolpes. Não é nosso caso hoje, e não era nosso caso durante o governo Bolsonaro, mas lutar contra o fascismo sempre exigiu ações diretas.

Adorno deu uma solução um tanto filosófica demais a essa questão. Sabendo que o fascismo remontava a mecanismos difundidos em nossa sociedade “normal”, ele sugeriu que para impedir o fascismo é preciso lembrar que ele tem suas causas em nós. É preciso recordar em nós mesmos o que levou ao fascismo. Externalizar no outro é fácil, mas difícil é reconhecer que o fascismo apela a algo que está presente em todo mundo. A frase do Primo Levi, da qual partimos, poderia ser retomada aqui. Agora, como exatamente fazer isso, é algo que nunca foi claramente definido por Adorno.

Mas há a violência do século XXI, que não é propriamente violência fascista. É uma violência bastante difundida, e que virou o ar que a gente respira. É nossa normalidade. Já faz umas décadas que vem pipocando sociologias da violência por tudo quanto é lado para entender isso, não só no Brasil, nas periferias do mundo, mas na própria Europa, nos EUA. No Brasil isso é um prato cheio. Desde que aquela sociedade do

Biografia

trabalho, de que falei, naufragou, a violência virou o grande tema da nossa sociedade.

No campo da filosofia, o filósofo Franco Berardi, que mencionei, tem umas reflexões interessantes também. Ele escreveu um livro, de título Heróis, tentando entender os assassinos de massa, que realizam tiroteios em escolas etc. Tem bastante material interessante ali. Ele descreve basicamente um mundo sem promessas, sem utopias, altamente exigentes, onde tudo é possível e ao mesmo tempo todas as portas estão fechadas, que então levaria a esses casos de violência extremada.

De minha parte, ainda gosto de me conectar a outras ideias de Adorno. Adorno dizia que a enorme maldade que vemos ser praticada na sociedade contemporânea não seria possível sem uma grande frieza que cultivamos entre nós. Ora, ocorre que, numa sociedade governada pelo valor de troca, em que as qualidades humanas de quem vive em sociedade não interessa, porque cada um só é relevante como agente econômico, nessa sociedade todos nós já viramos números, somos todos um mero price tag. É tão fácil ser frio numa sociedade organizada desse modo, em que as qualidades humanas de cada um devem ser abstraídas para a coisa toda funcionar. Mais uma vez, a violência, como o fascismo, não deve ser vista como um fenômeno de exceção, mas ser buscada nos mecanismos básicos que orientam nossa sociedade. Nesse sentido, a não violência exigiria imaginar um futuro totalmente transformado, se é que ainda se pode sonhar com isso, sobretudo nesse país onde, diria Drummond, há em todas as consciências um cartaz que diz: “é proibido sonhar”.



Felipe Ribeiro

É formado em “Ciências e Humanidades” e “Filosofia” pela Universidade Federal do ABC. Desenvolveu mestrado em Filosofia na mesma instituição, com uma dissertação sobre o debate entre Habermas e Gadamer. Atualmente, é doutorando em Filosofia pela Universidade de São Paulo, onde desenvolve uma tese sobre a filosofia de Theodor W. Adorno, com período sanduíche na Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne, na França. Suas áreas de interesse são a hermenêutica, a teoria crítica, a teoria da história e a cultura e o pensamento brasileiros.



fundação podemos
política para todos